

Vida coringa

Vie de joker

Joker life

Adriana Maimone Aguillar¹

Tudo parecia muito grande, o limite da circunstância. Ah! O amor, sublime sedução, refúgio de uma paixão, lumiar da escuridão, uma ponta de exaustão. Não sei ao certo onde vou chegar... Se tudo isso e onde vai me levar... O limite, o limiar, o liame. O fio da linha na agulha, o lençol rasgado. A noite a calar os meus olhos negros que te fitam ao luar. Eu não canso de te enxergar, de me encharcar.

O desespero de uma vida doída, não posso mais suportar a sua dor. Anseio por mais amor, uma paz que ainda não chegou. E o retorno a me atordoar, da sua falta a me alegrar. E um chamego que não está. Uma vida de culpa sempre a me acompanhar, da mãe que não foi, da mãe que não fui. Do eu que eu quero estar. Não tardo a me alegrar com a ausência de um atordoar, de me entorpecer, na ausência do entorpecente, me entorpeço de realidade fúnebre que me ataca na noite sem luar. Fertilidade no vazio que ruga nos sonhos, amizades que não se realizaram e os amores que não me encontraram. Desencontros, fugas, medos, o medo sempre presente, de uma jovem doente. Doente de não poder viver, mulher, menina, não pode!

De tanto não poder só me restou me perder, perder o meu eu, perder os meus eus repletos de vida. Mas se perder o Eu é bom, então está tudo bem!

De tantos não eus, me perdi o Eu , e o Eu perdido não volta mais, passou o tempo e ele já nem é mais. E quem será agora?

Agora, nessa aurora, de não eus aflitos, sobre uma casca, é a casca, meus eus cascas estão a descascar, e tenho medo de um eu livre encontrar. E o que será?

Esse eu aflito, que foi tão não eu permitido, quer vir, mas tem medo de não ser aceito, ou de já se ter desfeito. E se lá onde o Eu se perdeu, eu não encontrar mais eu nenhum, e apenas um vazio obscuro, solto livre, o nada?

O que poderemos fazer com o vazio? Com o nada? Com as máscaras todas caídas ao chão? O rosto se desfez, já não é mais rosto, mas um lindo nada e vazio, pálido, absorto no seu não ser, no seu não eu. Esse rosto desrostificado, nem medo mais ele sente, é um nada. Pálido,

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) - Uberaba/MG

silêncio, indecoroso, pairando, Um nada de nada.“ Socorro eu já não sinto nada” (Antunes, 2002). E agora? O que faremos com o rosto não eu?

Risadas: o coringa dança, vagorosamente sorri, a charada da vida se arrisca no nada.

No nada do vir a ser, da possibilidade do nada não ser. Do devir possível nascer. De um rosto sem corpo, um rosto desrostificado e sem corpo, uma enorme cabeça flutuante, pairando no espaço.

E de pálida, começa a levemente sorrir, ao perceber a possibilidade do nada, o vazio do nada.

O corpo já não é, desapareceu amorfo, não sente nada, não é. E a cabeça grande, a grande cabeça vazia, sente um prazer do nada e inicia um sorrisinho tímido que aos poucos se torna uma grande gargalhada!

O coringa chegou trazendo a possibilidade do nada, nada ser, amorfo, amortecer a cabeça que rola, quicando e gargalhando loucamente, e os dentes começam a pular pra fora, e a boca salta e o nariz pula e voa, e os olhos rolam, e o rosto se desfaz e já não há mais cabeça, e nem corpo, apenas o nada e o vazio.

E os pedaços de rosto pairando vagorosamente no espaço e a risada não para, pois é puro prazer de nada...

Explode o nada em mim e esse prazer do nada, de nada, de vazio, não há mais linhas, apenas um plano e ele plana no prazer do nada devir. Flutuante risada da vida em forma de coringa que ri e dança e não sabe dizer.

Só a cabeça explodir. Explode a grande cabeça e o sangue que jorra demonstra a vitalidade da morte do Eu.

Não quero eu ser, não quero eu viver, “o queres e o estares sempre a fim, do que em mim é de mim tão desigual” (Veloso, 1984).

O querer não é meu, não sou eu que quero, é algo que quer neste corpo, que de amorfo e pálido passa a desejar, no conecto-me, adapto-me camaleoa, conecto-me, conecte-me, “camaleoa ao seu ne me quites pas” (Veloso, 1981).

Referências

ANTUNES, A. Socorro [CD]. In Arnaldo Antunes ao vivo no estúdio. São Paulo: Polygram, 2002.

VELOSO, C. O queres. In: Velô. [CD]. Apa Style, 1984.

VELOSO, C. Rapte-me camaleoa. In: Outras palavras [CD]. Rio de Janeiro: Universal Music, 1981.

Sobre a autora

Adriana Maimone Aguillar: Professora do Departamento de Educação (IELACHS) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - Uberaba/MG.

E-mail: adriana.aguillar@uftm.edu.br

Recebido em: 28 de fevereiro de 2025

Aprovado em: 04 de maio de 2025